



BOLETIM DA ACADEMIA PAULISTA DE HISTÓRIA



ANO VI

18 DE OUTUBRO DE 1994

N.º 13

EDITORIAL

NÓS, MONGES

1994 destacar-se-á dos demais anos calendáricos pelos muitos eventos sugeridores de assinalação, houvesse maior interesse geral, oficial, por esse tipo de bem cultural: a memória.

Pensemos, apenas, nos centenários. O do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, da Associação Comercial, do Ginásio do Estado, da Escola Politécnica, do prédio da Escola Normal da Praça da República.

Que ano esplêndido para São Paulo foi 1894. Quanta decisão rumo ao futuro, quanta segurança com relação ao que a cidade era e pretendia ser. Quão pouca fidelidade àquele espírito, em 1994. Este ano foi declarado, por Solon Borges dos Reis, nos poucos dias em que ocupou a Prefeitura da capital, Ano da Volta da Bandeira de Mateus Grou. Um episó-

dio alto, uma oportunidade excelente. Pois salvo algumas evocações em recinto fechado, nada foi feito. A citação vai a título de exemplo.

É caso para desesperar e apenas lamentar? Não. O fato de que neste momento, para as autoridades do Estado e do Município, cultura signifique **apenas** (não estamos negando que o seja, também) grandes **shows** para dezenas de milhares de eleitores no Anhangabaú, nos leva, aos fiéis seguidores de Clio, a uma determinação. Nada podendo esperar do oficialismo, Estamos obrigados a ser, pessoalmente e no âmbito das entidades às quais pedimos filiação, mais presentes, mais atuantes, mais operosos. Estamos, um pouco, como os monges medievais que sem esperar dos governos, sozinhos, não deixaram que se apagasse a luz da cultura ocidental.

EXEMPLO A SER SEGUIDO

Nosso editorial deste número estava pronto e em trabalho de gráfica (com uma citação ao esforçado trabalho pró-História de Solon Borges dos Reis) quando nos chegou a conhecimento "Diário Oficial" do Município, de 28 de junho. Lá está a Portaria n.º 3.502, da véspera, instituindo, na rede municipal de ensino, Concurso Literário sobre o tema: "Por que as Avenidas Vinte e Três de Maio e Nove de Julho têm este nome?".

Não é preciso comentar. Está clara a conclusão: houvesse mais autoridades assim... O Concurso é dado como sendo literário porém obriga à pesquisa histórica.

Falar de ambas as avenidas é evocar, guardar na mente, dois eventos basilares da instituição que se chama São Paulo.

Bem haja o Secretário de Educação do Município da Capital.

Repare-se, igualmente, nos prêmios:

- 1) *Coleção de Livros de Autores Paulistas;*
- 2) *Viagem à cidade de Campinas (o vencedor e dois acompanhantes), com roteiro histórico e turístico pré determinado. Autores e seus professores serão igualmente contemplados.*

Exemplo a ser seguido.

A Heróica «Patuscada» do Professor Augusto Cândido

HERNANI DONATO

Entrado o ano 1831 ouviu-se afirmar que o fantasma do recém-morto Líbero Badaró percorria a Rua Nova de São José exortando os paulistanos a não deixar morrer a liberdade.

Durante janeiro, os senhores no poder não se deram por incomodados. "Ora, um fantasma!" Nem mesmo o clamor popular de quando do atentado contra o jornalista, clamor que ainda suscitava ecos aqui e ali, um dia e outro, levava preocupação à autoridade. O tempo diluiria a memória do malffeito, a raiva, o protesto. Era só esperar. E vigiar.

Mas sucedeu o oposto.

Já em fevereiro o rumorejar das rodinhas populares, o crescente mal estar nas guarnições, intranquilizou o

poder e os conservadores. Pelo sim, pelo não, o governo chamou tropas de Pernambuco e da Bahia — o famoso 5.º B.C. — para manter São Paulo bem policiada e, se possível emudecida.

Foi pior. Não só os gritos pela liberdade recrudesceram como a tropa destinada a manter o povo sob controle mostrou-se contaminada por este e, logo mais, francamente indisciplinada. Dos pernambucanos, 52 foram mandados purgar insubordinação numa pregação postada em águas santistas. Outros 134, rejeitaram a qualidade e a quantidade do pão recebido e com demonstração pública totalmente calorosa que o comando a considerou política. E grupos nas ruas, protestando, vaiando, clamando. A cada dia, mais cusado. Turbulentos. Gente da terra que aparecesse vestindo farda era recebida com assuada. Os quartéis, quase vazios. O 3.º Grupo de Artilharia de Posição deveria alinhar 400 homens, porém no final de abril somava 136. O 2.º Corpo de Artilharia Montada conseguia formar 69 praças do efetivo visto para 260.

O governo provincial, "barbas postas no molho", insistia junto ao Ministro da Guerra, reclamando mais soldados porquanto no seu entender "muito convém aumentar o número de patrulhas que rondam a dita Capital". Naquele então, os fantasmas liberais eram mais do que a lembrança de um médico e jornalista alvejado à porta da sua casa.

As patrulhas, as prisões, as interpeleções, o rancor de parte a parte, levariam a uma explosão. O povo estava pronto e à espera. A fagulha partiu — e de onde mais partiria? — da Academia. Augusto Cândido da Silveira Pinto dava aulas de francês no curso preparatório. Seriam poucas essas aulas pois ele garantia o seu pão mantendo uma "casa de pasto" nas proximidades da escola. Seria um esquentado. De tanto ouvir reclamar contra as patrulhas que perturbavam os notivagos, os seresteiros e quantos mais enfrentassem a noite, decidiu que "alguém precisava fazer alguma coisa". Fez.

Brandindo "um cacete perigosíssimo de quatro quinas" e metendo ao cinto duas pistolas, saiu para a noite vivan-do a liberdade. (Seria o fantasma?) Era o 2 de abril. Em minutos foi detido por uma das patrulhas com que o governo contava silenciar a cidade. Deixou ver as pistolas e esgrimiou o

cacete. Logicamente, acabou na prisão. Mas fizera o que "alguém precisava fazer".

Se o professor de francês Augusto Cândido da Silveira Pinto pretendia levantar o povo conseguiu, Multidão enfurecida — assim é que se expressam os testemunhos — fez-se ouvir e ver, exigindo a soltura do mestre. Era gente demais, brava demais e eram soldados de menos. Pouco merecedores de confiança. Não convinha o confronto. Augusto foi considerado autor irresponsável de "uma patuscada" e libertado.

Diz José Nogueira Sampaio à páginas da sua obra "Fundação da Polícia Militar de São Paulo — subsídios históricos" que, conforme o exemplo de Badaró aquelas pessoas "predispunham-se a morrer em holocausto à liberdade". "Depois de excitar-se em rumorosa patuscada, percorreu as ruas, vociferando contra as autoridades, rilhando ameaças, pondo em pânico os moradores".

Enquanto partidários do oficialismo acorriam ao palácio colocando-se à disposição para, talvez, dar início a uma guerra civil, os liberais, carregando e aplaudindo o intrépido Augusto Cândido festejaram a sua vitória, a vitória do fantasma que possivelmente ainda naquela noite, pelos desvãos da Rua Nova de São José terá repetido: "Morre um liberal mas não morre a liberdade".

Registre-se nos anais da bravura paulistana e liberal esse adoidado e valeroso professor Augusto, herói da "patuscada" de 2 e 3 de abril de 1831. Professor de francês, dera aula de amor à liberdade.

NOTA

Sob o título NAVEGAR É PRECISO... , nosso consócio Hélio Damante, publicou no caderno de sábado do "Jornal da Tarde", edição do dia 25 de junho, substancioso artigo sobre o V Centenário do Tratado de Tordesilhas. O artigo é ilustrado com o retrato do papa Alexandre VI, um Bórgia, pai intelectual do famoso documento, e o mapa das Capitanias Hereditárias que observavam as limitações do Tratado, vencidas pelo bandeirismo luso-paulista. Nesse artigo Hélio Damante informa que um exemplar do Tratado, texto em castelhano, figurou na Exposição de História de São Paulo, comemorativa do IV Centenário da Cidade, sob empréstimo da Torre do Tombo, por iniciativa de Jaime Cortesão.

EXPEDIENTE

Academia Paulista de História

Diretoria 1991/94

Presidente: *Duílio Crispim Farina*

Vice-Presidente: *Hernâni Donato*

Secretário-Geral: *Isaac Grinberg*

Tesoureiro:

Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci

Diretor de Publicação e

Jornalista Responsável:

Hernâni Donato

SJPESP 1227

— ✱ —

As matérias assinadas não recebem, necessariamente, a aprovação e a responsabilidade da Academia.

Composto e Impresso

KMK - Artes Gráficas e Editora Ltda.
Rua Ca'ulo da Paixão Cearense n.º 624
Te fones: 579-6417 e 579-0145 - Saúde

CAETANO DE CAMPOS

RAUL DE ANDRADE E SILVA

Aqui estou, para reviver alguns episódios da vida de uma das personalidades dominantes no cenário da primeira década republicana em S. Paulo: Dr. Antônio Caetano de Campos. Não pretendo, em verdade, proferir propriamente uma conferência, senão apenas tracar algumas evocações, a propósito dessa grande vida, no tom colonial de uma conversa íntima, se me permitem, tão à vontade me sinto na companhia dos Srs. Acadêmicos e dos que me vieram proporcionar acolhida tão amável.

O Médico

— Raros são os homens que chegam a ser idealizados, ainda em vida, graças à sua força de sua presença e ao sentido da obra que realizaram; ou que, mesmo depois de mortos, prolongam o seu fascínio entre os pósteros, que continuam a experimentar o poder da liderança e dos exemplos desses homens privilegiados. Creio estar neste uso aquele de quem devo falar esta noite: Caetano de Campos, um homem cujo influxo se fez sentir irresistivelmente sobre os que ficaram do seu comando, principalmente os mocos, seus discípulos, e cuja lembrança permanece e vai-se robustecendo, cada vez mais, ao longo dos anos.

Fluminense de origem, esse que seria um grande cidadão radicado em S. Paulo, brincou nos dias da infância sobre as areias das praias de S. João da Barra, sua cidade natal. Órfão de pai, Antônio Francisco de Campos, desde tenra idade, levou a sua mãe, D.^a Claudina Maria, para a Córte, onde o menino foi admitido no afamado Colégio do Barão de Tautphoeus, educador bávaro, que soube formar pelos moldes mais apurados, o coração, o caráter e o espírito do pequeno educando, em cuja personalidade nascente, logo percorreu as marcas de uma criatura superior.

Cursando depois, desde os 17 anos, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, pela qual se doutorou, com brilhante defesa de tese, já revelara seus pendores naturais pelo ensino, lecionando a colegas mais mocos, desde o curso secundário, pois tinha de ganhar a vida e custear seus próprios estudos. Adquiria assim o primeiro tirocinio, necessário ao exercício da medicina e do magistério, os dois sacerdotícios que lhe enobreceram a existência, com fortes traços da mais pura e desprendida humanidade.

Longo seria esmiuçar os episódios da sua carreira de médico, assinalada por constantes afirmações de filantropia, que corriam paradas com seus atributos de cientista e de facultativo. A recordação de apenas alguns lances de sua vida profissional bastam para caracterizar-lhe o perfil de médico.

Na Guerra

Mal terminado o curso médico, em 1867, aos 23 anos, vai servir a Armada

do Brasil, como cirurgião, na guerra do Paraguai, mantendo-se em serviço por um ano e meio, até cair enfermo, atacado de béri-béri. As agruras dessa campanha devem ser a causa do grave distúrbio cárdio vascular que tão cedo o vitimou cortando-lhe bruscamente a existência.

Mudança para S. Paulo

Reentrado na Córte, logo se casou com aquela que seria uma esposa modelar, a grande companheira da sua vida: D.^a Maria Júlia de Souza e Silva Rio. Tentou obter uma Cadeira na Faculdade de Medicina, classificando-se em primeiro lugar, no respectivo concurso. Mas, sofreu então a primeira grande decepção, ao ser preterido. Essa a razão da mudança de Caetano de Campos para S. Paulo, a 2 de junho de 1870. Foram difíceis aqui os primeiros passos.

Não foram fáceis os primeiros passos da sua carreira profissional. O falecimento de um paciente, vicissitude inerente à prática da medicina, levou um colega maligno, a arguí-lo de inépcia, na perícia do cadáver. Teve Carlos de Campos de sustentar polemica com o acusador. E dessa porfia, o jovem médico recém-chegado a S. Paulo saiu com a sua reputação ilesa. Assim reabilitado, a sua trajetória como facultativo não veio mais a sofrer tropeços e o cobriu de justa fama.

Quando o Dr. Campos veio para cá, em 1870, S. Paulo era uma pequena cidade provinciana, que apenas começava a estender-se, em algumas direções, além do antigo núcleo do Triângulo, como informa o Mestre Odilon Nogueira de Matos, em sua excelente monografia sobre "A Cidade de S. Paulo no Século XIX". O seu ritmo de crescimento vai conhecer a primeira fase de aceleração, ainda limitada, justamente com o advento das primeiras ferrovias, a expansão da cultura cafeeira no planalto e, nas duas últimas décadas da centúria, a imigração e a industrialização. Mas, em 1872, a população somava 31.000 habitantes, cifra que apenas dobrou em 1890. Pontos hoje quase centrais, como o Parque D. Pedro II, que se formou em parte da antiga várzea do Carmo, eram ainda ermos, inseguros na escuridão das noites com iluminação; e para atingir essa várzea, era um estirão, dada a escassez dos meios de transporte, o que multiplicava a distância a percorrer.

Pois foi nesse lugar afastado, que Caetano de Campos acabou fixando residência, com sua mulher e filhos, na chácara da Figueira situada provavelmente pelas alturas da rua que hoje tem o mesmo nome, entre as Avenidas Rangel Pestana e Alcântara Machado. Contava sua filha mais velha, D.^a Júlia Olympia de Campos e Andrade que, muitas vezes, para visitar algum doente já a horas mortas, nas frias noites de garoa (naquele tempo, ainda havia a falada garoa paulista, que hoje não passa quase de um tema

de literatura), saía o Dr. Campos de carro — os fiacres puxados por uma parelha — como os que eu ainda vi na minha infância. O cocheiro de confiança era o José Português, um latação corpulento, que vinha todo atabafoado num grosso capotão, cachecol ao pescoço e boné à cabeça, na boléia um respeitável porrete ao alcance da mão, para as "eventualidades". Caetano de Campos não recusava chamados, a qualquer hora do dia ou da noite. Essa dedicação aos seus pacientes, esse alto sentido filantrópico que punha no exercício da sua nobre profissão, será talvez o traço mais marcante do Dr. Campos, como médico e como homem. Por outro lado, era ele um desses raros facultativos que se impõem pelo magnetismo da simples presença, tocada de afeto para com os doentes, aos quais sabia infundir alento e confiança. A este respeito, dois outros fatos elucidativos, que ouvi de parentes e amigos íntimos de Caetano de Campos. Certa vez, ele foi chamado para atender a uma senhora, presa ao leito por um pertinaz reumatismo, que lhe infligia dores insuportáveis, ao menor movimento. Entra no quarto o "seu" médico, olhar sereno, um sorriso carinhoso e de braços abertos exclama: "Então, que é isso? A senhora de cama?" Surpresa geral para os de casa: a doente que havia vários dias não se podia mover, senta-se, sem um gemido, para saudar o Dr. Campos. O outro fato: quase nunca, ao visitar as crianças doentes e pobres, deixava ele de levar-lhes, com a assistência de médico, o consolo de algum brinquedo ou de alguma guloseima, comprada na Confeitaria Nagel. E tudo isto somado a uma competência profissional, que não fez senão crescer com o tempo o renome que ele rangeou.

Perguntei certa vez a uma velha prima que o conheceu e foi por ele tratada, e a quem eu gostava de provocar, para saborear o pitoresco de suas respostas, sempre entusiasmadas:

— Mas, Brasília, Caetano de Campos foi de fato um grande médico?

— Um médico extraordinário, redarguiu ela. Curava até a tísica! Era como então preferentemente se designava a tuberculose. Donde concluí que curar tuberculose, no tempo de Caetano de Campos, para os leigos pelo menos, era uma proeza.

Ao saber clínico, ao senso moral que emprestava à sua profissão, aliava o Dr. Campos o talento administrativo, como exuberantemente demonstrou na qualidade de Diretor Clínico de 1872 a 1877, de um dos mais importantes hospitais de S. Paulo, na época: a Santa Casa de Misericórdia. A respeito desta, deixou circunstanciado Relatório, que denota a visão do seu autor, sobre as necessidades urgentes daquela casa de saúde, quer no que tangia ao seu deficiente aparelhamento médico, quer no que dizia respeito ao conforto dos seus doentes.

(Continua na página 4)

Caetano de Campos

(Continuação da página 3)

— No hospital da Beneficência Portuguesa, onde entrou em 1978, permaneceu Caetano de Campos como médico, até ser promovido a chefe das clínicas médicas, cargo que exerceu até 1890, quando o Gov.^o do Estado o convicou para dirigir a reforma do ensino normal. Além de receber o título de Sócio Benemérito, em reconhecimento dos seus serviços, teve o seu retrato a óleo, obra do pintor Almeida Júnior, inaugurado em 30 de novembro de 1884.

Esse minucioso cuidado com os problemas da saúde e do bem-estar dos enfermos, não se explica somente pela aptidão incomum pela formação moral e profissional de Caetano de Campos, mas também porque ele era um "humanista", no sentido mais rico e mais alto da expressão. Um homem que, a despeito do seu estafante labor diuturno, como médico, encontrava tempo que destinasse a apurar sua inteligência e natural sensibilidade, mediante o cultivo das letras e das belas artes. Um homem que poetou, como soía com os da sua geração, e em cuja biblioteca conviviam, com os austeros volumes de ciências as obras-primas da literatura universal, dos poetas clássicos, gregos-romanos, aos modernos e românticos, dos prosadores antigos e contemporâneos, nacionais como estrangeiros, de mistura com edições ilustradas sobre a História e as Artes. Um médico que se dava ao prazer de traduzir Shakespeare! E que escrevia admiravelmente.

A esses atributos de espírito e de coração, acrescentava uma imponente presença física. Foi como o descreveu sua filha Júlia Olympia:

"Alto, de estatura acima do comum, de uma compleição de atleta, cabelos pretos, muito finos, olhos castanhos, mais para claros, nariz quase reto, lábios espessos, rosto redondo. Olhar de expressão calma. Sorriso encantador, por vezes zombeteiro. Dentes marfíneos, fortes. Cabeça levemente inclinada sobre o ombro esquerdo. Mãos e pés pequenos para sua estatura. O pisar traía raça... A imponência de seu porte era notável; onde aparecia, por onde passava, chamava a atenção. A distinção de suas maneiras impunha-se. Sua finíssima educação guiava-o em todas as ocasiões. Nenhuma afetação, nenhum exagero, nenhum excesso em seus gestos, em suas expressões. Sabia sempre onde estava e com quem tratava. Atento, não esquecia pessoa alguma".

Essa riqueza de atributos físicos, morais e intelectuais patenteou-se exuberantemente, quando ele se consagrou de corpo e alma à grande empreitada da reforma do ensino primário e normal em S. Paulo. E o que mais impressiona na vida de Caetano de Campos é justamente esse remate, lembrou Sud Menucci.

Era ele um educador nato, embora não fosse um especialista em matéria de pedagogia, se bem que informado teoricamente e conhecedor do ensino por experiência própria. O seu grande

destino, no episódio da reforma, foi desempenhar o papel de homem-símbolo, de agente catalisador e propulsor. Não foi o único a meditar na urgente necessidade da reforma. Neste ponto, a prioridade incontestável cabe a Rangel Pestana, o grande jornalista e propagandista da República. Mas, a Caetano de Campos coube comandar a execução da reforma, em seu momento inicial. Momento decisivo, pois a partir de então a reforma se implantou irreversivelmente, para ser ampliada e aperfeiçoada depois.

Nesta fase capital, Caetano de Campos ficou em plano superior ao de Prudente de Moraes, governador do Estado, e de Rangel Pestana que, para dar início à reforma do ensino, foram buscar o grande médico. A observação é da Prof.^a Maria Aparecida Rocha Bauab, em seu excelente estudo sobre a reforma da Escola Normal de S. Paulo, de 1890 a 1891. E acrescenta a mesma autora ver em Caetano de Campos o "protótipo do educador republicano, dono de um idealismo contagiante e de um humanismo profundo".

Fato Curioso:

— A impressão indelével de entusiasmo e de veneração, a verdadeira idolatria, deixada por ele no ânimo de seus discípulos, quer os diretos, como os Professores René Barreto e João Lourenço Rodrigues, quer os das gerações seguintes, como até hoje ilustra a eminente Prof.^a Carolina Ribeiro.

A Carta de João L. Rodrigues

"O início da efetiva instituição do sistema público de educação foi inegavelmente obra da República...", disse Caetano de Campos. E ao entusiasmo otimista que caracterizou o novo regime, em suas iniciativas educacionais, agregou o grande reformador a força estimuladora que ele soube incutir nos seus alunos. Um dos seus maiores méritos consistiu em reerguer o conceito da Escola Normal, que estava desacreditada, antes da reforma de 1890.

Não entrava nos planos de Caetano de Campos vir a ser o condutor dessa reforma. Conhecido é o episódio da sua nomeação como Diretor da Escola. Rangel Pestana, em cujo colégio, em S. Paulo, Caetano de Campos lecionara, havia-o recomendado ao governador Prudente de Moraes, como homem indicado para a grande tarefa. Receava, contudo, que ele não aceitasse, em vista de seus compromissos de médico, com numerosa clientela. Prudente convocou o Dr. Campos para que trocasse idéias sobre o plano de reforma do ensino, gizado por Rangel Pestana. No desfecho da entrevista, obtemperou o Dr. Campos que o plano da reforma era grandioso e adequado às necessidades do ensino. Difícil era achar o homem habilitado a realizá-lo.

— O homem já o tenho, retrucou Prudente. E segundo me informaram, é pessoa de rara competência, mas creio que não queira aceitar o encargo.

— É impossível que não aceite, continuou o Dr. Campos. Um homem nes-

sas condições há de ser forçosamente patriota e como tal não se recusará.

— Pensa então que o governo não se arrisca a uma recusa?

— Tenho disso absoluta certeza.

— Pois bem, esse homem é o Sr. mesmo. E já agora tenho a sua palavra.

O Dr. Campos assim apanhado de surpresa soáriu e rematou:

— Sim Sr., caí na cilada. Estou preso, não há dúvida. O governo pode contar comigo.

A dedicação de Caetano de Campos, a sua identificação com a obra educacional que lhe incumbia realizar, provinha também de motivos doutrinários, a saber: as suas convicções republicanas, que o levavam a considerar a instrução como direito do cidadão e dever do Estado e da Sociedade, como o meio essencial de preparo do indivíduo para alcançar a liberdade e chegar a usufruí-la realmente.

Versado no que havia de mais inovador, na pedagogia do seu tempo, ou seja nas obras fundamentais de Pestalozzi e Spencer, ele não concebia sistema de educação que não obedecesse aos instintos naturais da infância e não respeitasse a personalidade do educando. Para ele, segundo suas próprias palavras "a chave de toda a evolução do ensino escolar, como a concebe o decreto de 12 de março de 1890, repusa sobre a prática que devem ter os alunos mestres na escola-modelo, mais do que sobre a ampliação do curso superior...". Caetano de Campos entendia a arte de ensinar pelos moldes de Pestalozzi, cuja doutrina tomava na prática a forma do que se convencionou chamar "lições de coisas", e se aplicava a todas as disciplinas da escola primária: "Primary Object Lessons", no título do livro de Calkins, que Rui Barbosa traduziu. Por falar em Rui, impressionam as analogias e similitudes entre o pensamento pedagógico deste e o de Caetano de Campos, embora um nunca tenha citado o outro. Ambos pregavam o ensino intuitivo, contra o arcaico método de Lancaster, segundo o qual o mestre-escola dividia a tarefa docente com os seus repetidores.

A excepcional intuição de Caetano de Campos levou-o a captar o processo da aquisição de conhecimentos, em sua inteireza e organicidade, mesmo não sendo um pedagogo profissional. Mas, não chegou a ser um teórico, não criou um sistema. Apenas, tinha claras idéias pessoais a respeito da instrução, e a reforma de 1890 proporcionou-lhe a oportunidade de as experimentar. Chegou a considerá-lo um precursor da "escola nova", de 1920. Uma última idéia interessa ressaltar: Caetano de Campos emprestava especial importância ao estudo das ciências, na formação do homem. A parte inicial do seu famoso discurso de paráfrase aos normalistas de 1890 é todo um hino de louvor à Ciência e ao seu progresso através dos tempos. Daí, o seu empenho em que o governo prestigiasse o ensino secundário, pois só a partir deste, pensava ele, pode o educando iniciar-se no conhecimento das ciências.

(Continua na página 7)

O NEGRO NA ARTE BRASILEIRA

DUILIO CRISPIM FARINA

Não é fácil dizer do negro na arte brasileira. É ele integrante da nacionalidade que ajudou a soerguer, pelos gens pelo cerne, em fusões étnicas em que não deve ser contada somente a cor da epiderme. Afrânio Peixoto já no início da primeira década deste século havia derribado Gobineau e analisado o melting-pot.

Elencara toda a sorte de doutrinas, numa fundamentação jamais atingida, em exórdios inigualáveis e exemplificações fundadas: "as misturas étnicas baralham os índices estruturados pelo longo isolamento dos homens, mas agora pelas migrações e cruzamentos, reduzidos a confusões, es caracteristicas, a raça tende a ser uma perversão arcaica".

"O intercâmbio civilizado mistura e reúne homens como as idéias. Se o corpo muda, a alma também terá de mudar. Até as prevenções se desprevenirão... inevitavelmente".

Previsões justas e acertadas do grande baiano que também foi sociólogo e psicólogo social.

O negro, em diluições no sangue do povo brasileiro, é autor, positivo artífice de obras-primas, de labores de criação em todas as suas cambiantes, mas também é motivo justo da temática dos artistas do Brasil, em todos os seus modismos. Na arte musical, instrumentos de percussão ou de corda, atabaques, chocalhos ficam ao lado das impressões e registros na obra de Vila Lobos, Lorenzo Fernandes, Leopoldo Miguez, Ari Barroso, Lamartine Babo, Américo Jacomino (o canhoto) em jóias do violão, música erudita, popular, maxixes, frevos, congadas, cantos tristes, queixosos e repentis frenéticos e afirmativos da gesta de uma raça.

Curt Lange, em pioneirismo, trouxe ao nosso conhecimento as excelências do chamado Barroco das terras de Minas, de tantos Lobos de Mesquita, Parreira Neves, Marco Coelho Neto, e ainda outros maestros, autores de novos e místicos cantochões. Nesta seara vamos encontrar momentos altos de cantatas envoltas em indefinível liame de misticismos e tristeza, de contemplativismo e de desilusão que os aguilhoa docemente a um sonho interior de nostalgia e de beleza à obscuridade, ao sonho e à renúncia.

Temos que o verdadeiro Brasil se cristaliza entre as minas de Tripuí, o

rio das Velhas e o rio das Mortes, em prolongamentos nos "Currais da Bahia", como outrora se chamava pitorescamente ao vale do São Francisco. Potentados dos sertões com grossas fazendas de gado, sertanistas em arribadas em novos eldorados: empunhando achas, empurrando quilhas passaram ainda além das Tordezilhas (Guilherme de Almeida).

A bateia nos garimpos, amores com Chicas da Silva, eis o surgir de nova raça, ainda hoje não de todo sedimentada, mas com as excelências da ternura, dengues, graciosidade, encantos que vão adoçar o caráter dos reinóis, truculentos, jactanciosos e mais de uma vez despóticos. Surge a arte brasileira, ali nas Minas Gerais, com tons mais suaves. Desaparecem não de todo o ourc e os eoropéis, filigranas trabalhadas, com o aparecer do roseo, do azul coloniais; desaparecem insensivelmente as grandiloquências e opulências reinóis dos altares e igrejas da Bahia, das Alagoas, do Nordeste e emergem as simplicidades, um barroco menos ataviado, com novas invocações: Virgem do Pilar, Bom Jesus dos Passos, Nossa Senhora do Ó, Nossa Senhora da Apresentação e todos os novos Bom Jesus. Ao invés de Matozinhos, do Porto, engrandece-se o culto dos Bom Jesus de Pirapora, Iguape, da Lapa, e de Cananéia. É um novo Brasil, verdadeiro nativismo nas artes maiores e menores, Brasil Mestiço, autêntico a recender pitanga, araçá, goiaba, manga-rosa, manjares e cachacas, de novos dias, com novos amores.

Misticismo novo, dolente, lendas e folclore modificados. A moura encantada vira nega-fulô. Os doze de Inglaterra e o Magriço, e mais a nau Catarineta, não enchem os sonhos dos meninos de engenho e das varandas afazendadas. As lembranças medrosas do Tinhoso, da mula-sem-cabeça, acrescentadas do Negrinho do Patoreio e do Capeta substituem a Padeira de Aljubarra e o Sapateiro do Trancoso. É o Brasil cor de jabo, com novos sabores de cravo e canela. A arte militar enobrece-se com Henrique Dias na luta contra o agressor holandês. O Voluntário da Pátria erige o pedestal da fama, heróis de Tuiuti, Lomas Valentinas, Peribeubí e Estero Belaco. O voluntário desconhecido também tem tez negra e alma branca. No movimento constitucionalista agigantam-se Palmério de Rezende e Celso Ferreira Veloso. Em simbolismos de enunciação temos de recordar nas letras Machado

de Assis, Luis Gama, Cruz e Souza. Lima Barreto, Teixeira e Sousa, este autor do "O Filho do Pescador", "As Intrigas de um Jesuíta" e "A Menina Roubada" que aparecem na "A Marmota", de Paula Brito. Francisco de Paula Brito, filho de carpinteiro, neto de ourives, mulato de família humilde cujo desenlace resultou num acompanhamento de mais de duzentos carros, segundo notícias do "Jornal do Comércio", de 15 de dezembro de 1861. Tipografia Paula Brito, famosa a torná-lo o primeiro editor do País, ponto de reunião de Machado, Bernardo Guimarães, Casimiro de Abreu, Bruno Seabra, visconde do Rio Branco. Marquês do Paraná (Honório Hermeto Carneiro Leão) e do visconde de Itamaracá.

Garraux da Guanabara, Paula Brito vendia em sua loja chá, fumo, cera, drogas, papel, tinta, tudo no mesmo estabelecimento. Mecenas apoiou Teixeira e Sousa e o próprio Machado de Assis, abrindo-lhes caminhos.

Na medalhística, nobre arte das gravações, seguidores de Girardel e Ferréz, mulatos e negros vão cunhar e exaltar a numismática, como na música o padre José Maurício exaltou o musicalismo pátrio, e seu filho, grande mestre de Anatomia, escreveu e publicou, pela Escola Médica do Rio de Janeiro, germe de Picanço, barão de Goiânia, os tomos preciosos de sua "Anatomia", escrita aqui no Brasil, ainda nos primeiros decênios do Império.

Dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, imortal da Academia Brasileira de Letras, deixou-nos "As Cartas Pastorais", publicadas em 1921, por Leite Ribeiro & Maurílio, testemunhos eloquentes de uma vida vazada em fé, certezas, devoção e desprendimento.

Tivemos como mestre de Latim, no Ginásio do Estado da Capital, veneranda escola, o professor Bento de Assis, bacharel, e homem de peregrinas virtudes cujo maior galardão, ele também negro, era ter sido aluno de dom Silvério Pimenta no Seminário Marianense. Neste instante de evocação e respeito aos nunes tutelares negros de várias artes, voltamos nosso pensamento ao Criador, gratos pelo privilégio do convívio e ensinamentos de lentes como o grande, imenso Bentão, pai do extraordinário atleta que foi seu filho José Bento de Assis, recordista

(Continua na página 5)

O Negro na Arte Brasileira

(Continuação da página 5)

de velocidade. Ingressou na crônica a asserção de Leão XIII a propósito de d. Silvério Gomes Pimenta: niger, sed sapiens...

Aqui na Paulicéia e na fidelíssima Itú, a Roma Brasileira, assistiu-se a passagem e as marcas artísticas de Jesuino Francisco de Paula Gusmão, o imenso Jesuino do Monte Carmelo, sobrinho-neto do padre voador e filho de parda forra, pobre, paupérrimo, mas esposa e mãe de Tintoretos paulistas.

Estigmatizado em seus dias pela condição de mulato e filho espúrio, ficou a alumiar os tempos com sua arte brasileira. Engastou-se no Patrocínio com os santos carmelitas, na capela-mor da matriz e em seu batistério, e ainda, também no Carmo Ituano, como o fizera no Carmo de São Paulo.

José Patrício da Silva Manso, pintor e imaginário, ganhou em escorço definitivo a análise reveladora de d. Clemente Nigra. Jesuino fora oficial do mestre Patrício da Silva.

A oratória viu passar José do Patrocínio e Luis Gama, abolicionistas e liberais.

— ★ —

Figura lapidar, no teatro, com suas comédias e dramas, distingue-se Martins Pena, de quasi certos ancestrais mulatos, idêntica situação de Castro Alves e Gonçalves Dias. Negro, o grande Paulo Gonçalves, jornalista e homem de letras, filho da terra de Brás Cubas. Pudemos conhecê-lo, imponente, e ainda em dias de esperança, na redação do velho "Estadão", na rua Bca Vista, junto à ladeira do Porto Geral. Sangue rútilo, novas enxertias que retemperam e crescem. Somações de cordura, paciência, aceitação, heranças sábias, seculares, de uma gente destinada aos grandes labores e feitos como testemunham os exemplos apontados.

Desejamos recordar no magistério universitário André Rebouças, engenheiro, mestre em construções portuárias, autor de projetos plenos de conhecimentos especializados, fiel amigo e seguidor de nosso último monarca, quando de seu exílio e que passou pela vida envolto em atitudes de pundonor e grandeza moral. Pudemos seguir-lhe os passos, na ilha da Madeira onde veio a falecer, vítima de processos cardíaco-pulmonares. Elucidamos episódios, fatos de seu término terreno, capazes de expressar toda a nossa ad-

miração e culto perene. Magna figura, que haveria de ficar como exemplo, de uma grei, contribuição útil e proveitosa à nossa nacionalidade.

★

Régis Duprat revelou-nos André da Silva Gomes, quarto mestre da capela da Sé de São Paulo, lisboeta, músico do século XVIII e que criou escola com cantores adultos e agregados musicais, muitos de pais incógnitos, mas de dimensões amplas e alto porte, como Antônio Manso da Mota, vindo da Bahia, e os filhos da terra Antônio Pedro, Joaquim Mariano, Joaquim Máximo Garcia da Silva, e tantas outras glórias ainda não de todo conhecidas, todos mestiços. Citações simbólicas, em todas as variantes das manifestações do pensamento e da alma, vibrações em catadúpas marcantes.

Nas artes plásticas, os vultos mais distintos: Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, Manoel da Costa Ataíde, Xavier de Brito, Xavier Carneiro, Mestre Valentim. De Manoel Ataíde devemos lembrar que imortalizou Maria do Carmo Raimunda da Silva, a Virgem mestiça, companheira do pintor que possuiu para o painel da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto.

Artistas pináculos, mas também glorificadores da raça. O mesmo Ataíde na "Ceia do Caraça", obra-prima, única tela assinada, colocou como apóstolos, companheiros do gênio, e da pobreza, na cena da repartição do pão comum.

Francisco Xavier de Brito foi mestre do Aleijadinho e deveríamos registrar e citar dezenas de artistas mestres do risco, da talha, imaginários, ourives, prateiros, de Mariana, Sabará, Diamantina, Ouro Preto, São João del Rei, do Serro, daqui e acolá, em Salvador, no Recife e nesta Província de São Paulo, com a exaltação de Jesuino do Monte Carmelo. Curiosamente, é preciso acrescentar que em "S. Francisco pregando ao povo" aparece o pintor Ataíde de corpo inteiro, no disfarce do hábito franciscano. Era costume do artista retratar-se no santo de Assis. E não só dele, de outros a confundirem oragos e anjos e querubins com os ademanos significativos das mestiçagens múltiplas. Farândula de São Miguéis e serafins com fisionomias de curibocas, caboclas, jagunços, mulatas e pardas, chicas da silva, sinhás e damas da Corte, garbo e graça.

Roger Bastide, Freyre, Germain Bazin, Levy-Strauss, brasilianistas da América do Norte enalteceram o labor e as influências dos negros na literatura com a pena e nas artes com os cinzeis, martelos e escópros e as tintas de paleta rica e variegada. E quanto aos pincéis citamos os desventurados irmãos Timóteo e o paulistano Benedito de Andrade, deste século, mestre-pintor das aves e vidas dos galinheiros, chácaras e quintais.

Terminamos lembrando o excelso Juliano Moreira, pai da Psiquiatria na Bahia e na Guanabara, homem generoso, simile a Franco da Rocha.

As Confrarias do Rosário, São Elesbão e Santa Ifigênia incrementam um culto trazido pelos portugueses. Nas Minas, Chico Rei, e outros dizem de um alto momento rumo à brasilidade. Chico Pituba, mago das imagens "Paulistinhas", traça um panorama de arte simples baseada em devoções não menos autênticas. Nos tempos modernos os futebolistas Jaú, Brandão, Fausto (a maravilha negra) Leônidas, Gradim, Pelé, Friedenreich, dão nobiliarquia ao esporte das multidões destes Brasis...

★

No folclore é necessária a citação de Catulo da Paixão Cearense, Juvenal Galeno, Melo Moraes Filho (e o pai também) como fixadores eméritos da contribuição do negro às nossas traduções populares. Melo Moraes Filho merece louvações pela tentativa de estilização rimada de alguns dos muitos indígenas, tais como da "mãe d'água" e do "caapora", e de poetização de lendas e costumes dos mestiços baianos, no que teve continuadores como Galeno e Catulo. Não esqueçamos Mário de Andrade, Guilherme, Pereira de Melo (a Música no Brasil, Bahia, 1908); Cornélio Pires (Sambas e Cateretês), Chagas Batista (do Nordeste); Frei Pedro Sinsig (Modinhas Populares), etc., etc., e Elsie Houston (Chants Populaires du Brésil).

Temos que citar primorosos livros com temática relativa ao Negro: Maria Dusá, de Lindolfo Rocha; Agregados, de Júlia Lopes de Almeida; O Mestiço, de Avelino Foscolo; O Sertão, de Coelho Neto; Cenas da Escravidão, de Júlio Cesar Leal; Os Retirantes e Mota Coqueiro, de José do Patrocínio; Os Palmares e Crioulo do Pastoreio, de Apolinário Porto Alegre; Negrinho do Pastoreio, de Simões Lopes Neto; Cromo e A Enjeitada, de Horácio de Carvalho; e livros de Adolfo Caminha, Lima Barreto, João do Rio, Virgílio Varzea, e muitos outros.

Charles Ribeyrolles e Victor Frond

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Desde 1859, portanto há quase 140 anos, os dois nomes que tomo para epígrafe desta nota, encontram-se associados na bibliografia histórica brasileira. Com efeito, naquele ano já bem longínquo, aparecia o "Brasil Pitoresco", de Charles Ribeyrolles, ilustrado por Victor Frond, obra que se tornou das mais consideradas sobre o Brasil imperial, citada a todo instante, mas, na realidade, muito mais valiosa pelas ilustrações do que propriamente pelo texto.

Charles Ribeyrolles era um jornalista francês, de tendências liberais, amigo de Victor Hugo e exilado na mesma ocasião que ele. Enquanto o autor de "Os Miseráveis" foi para a ilha de Guernesay, Ribeyrolles veio para o nosso país. Aqui chegando, relacionou-se, homem culto que era, com figuras proeminentes da intelectualidade brasileira e alguns jovens que em breve alcançariam a glória literária, como, entre outros, Manuel Antônio de Almeida e Machado de Assis. No Brasil faleceu, em 1861, estando sepultado em Niterói, em túmulo mandado erigir pela municipalidade e no qual se gravou o epitáfio escrito especialmente por Victor Hugo.

Já de seu ilustrador pouco se sabe. Também francês, o Almanaque Laemert arrola-o entre os fotógrafos estabelecidos no Rio de Janeiro. Parece ter

sido sócio de Sisson, famoso litógrafo seu compatriota, a quem deve a iconografia brasileira um dos seus maiores monumentos, a "Galeria dos Brasileiros Ilustres", publicada pela mesma ocasião em que o "Brasil Pitoresco" e do qual cuidaremos em próxima nota.

Se o texto de Ribeyrolles, nesta obra, é medíocre, talvez nem fazendo falta se não existisse, já não se pode dizer o mesmo das ilustrações de Victor Frond, as quais, ao contrário, constituem valioso documentário sobre a vida do Rio de Janeiro, não apenas a urbana, mas igualmente a rural, do interior fluminense: Vassouras, São Fidélis, Valença, Paraíba do Sul, Campos, etc. Supõe-se fosse intenção dos autores completar a obra com um volume sobre Bahia e Pernambuco, mas tal não se realizou.

A primeira edição do "Brasil Pitoresco" (bilingue) foi muito mal impressa, inçada de erros, tanto no original como na tradução. Oitenta anos ficou a obra nessa edição "príncipe", pois só em 1941 se promoveu nova tradução, a cargo de Gastão Penalba e com prefácio de Afonso de Taunay, publicada pela Livraria Martins Editora (não mais existente), na preciosa "Biblioteca Histórica Brasileira", dirigida por Rubens Borba de Moraes, uma das grandes realizações levadas a

efeito no campo das coleções de estudos brasileiros, quase toda ela consagrada à divulgação de grandes obras de viajantes estrangeiros.

Quarenta anos depois, provavelmente já nem mais existindo a Editora Martins, foi o "Brasil Pitoresco", em reprodução fac-similar da edição de 1941, reeditada pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, na igualmente preciosa coleção "Reconquista do Brasil" (volumes 29 e 30 da "nova série"). Não sabemos se essa edição Itatiaia ainda é encontrável, pois, apesar de se dizer sempre que no Brasil ninguém lê, os livros esgotam-se muito depressa...

Há alguns anos, alguém que leu o "Brasil Pitoresco" confessou-nos ter estranhado o título do livro, pois nele nada viu de "pitoresco", tomada a palavra no sentido vulgar de "divertido", "recreativo". De fato, a palavra tem igualmente esse sentido. Mas, no livro, foi ele empregado no sentido de "digno de ser pintado", relacionado, portanto, com a atividade de um pintor. A forma mais correta seria "pinturesco", mas caiu em desuso. O que a dupla Ribeyrolles-Frond quis indicar assim intitulando seu livro é um "Brasil que merece ser pintado". Mesmo caso do "pittoresque francês, do "pinturesche" italiano, do "malerische" alemão.

Caetano de Campos

(Continuação da página 4)

Mas, a obra reformadora de Caetano de Campos teve de reduzir-se à modernização da Escola Normal, na medida do possível. Essa a parte mais urgente do plano geral, segundo recomendava o Governador Prudente de Moraes. E não se entendeu por mais de vinte meses — de janeiro de 1890 a setembro de 1891, em virtude do seu prematuro falecimento. Dela quero fazer tão somente uma breve referência.

Dado a brevidade do período de sua direção, Caetano de Campos não podia ter efetuado extensas mudanças estruturais na Escola Normal. Além da mudança do currículo, da remodelação ainda limitada do corpo docente, a mudança fundamental consistiu na transformação das antigas escolas primárias anexas em *escolas modelos*, laboratórios onde se forjavam os futuros mestres, na prática do ensino. Quanto ao Jardim da Infância, o grande reformador o considerava parte integrante da educação e sedimento básico do ensino. Por isso, tal instituição, difundida por Froebel, devia instalar-

se na Escola Normal. Idéia que Caetano de Campos não chegou a ver concretizada, pois que o Jardim da Infância só foi criado em 1896. Mas pôde assistir ao lançamento da pedra fundamental do novo edifício da Escola, na atual Praça da República.

Na execução da reforma, o emérito Diretor da Escola Normal ia esgotando suas forças. Em maio de 1891, pediu uma licença que interrompeu quinze dias antes de seu término, para reassumir o posto de comando. Mas, aos 12 de setembro de 1891, sucumbiu ao esforço demasiado.

Caetano de Campos deixava de existir com apenas 47 anos, em plena posse de suas faculdades mentais, porém já comprometida sua vitalidade física. Morreu sem ter tido tempo de envelhecer. O que significa que até o fim pôde dedicar-se à prática dos dois sacerdócios, que foram os pólos do eixo em torno do qual gravitou sua nobre vida: a medicina e o magistério. Dois sacerdócios que bem cedo exauriram as energias vitais do seu corpo e extinguíram as luzes do seu privilegiado espírito.

ENVELHECER...

Entra pela velhice com cuidado,
Pé ante pé, sem provocar rumores
Que despertem lembranças do passado,
Sonhos de glória, ilusões de amores.

Do que tiveres no pomar plantado
Apanha os frutos e recolhe as flores;
Mas lavra ainda e planta o teu eirado,
Que outros virão colher quando te fores.

Não te seja a velhice enfermidade!
Alimenta no espírito a saúde,
Luta contra as tibiezas da vontade!

Que a neve caia! O teu ardor não mude!
Mantém-te jovem, pouco importa a idade!
Tem cada idade a sua juventude...

BASTOS TIGRE

PRESENÇA DE IBRAHIM NOBRE

PAULO BOMFIM

Na hora de tanta ausência.
 No instante da indecisão,
 Nas metas que se perderam,
 Na palavra amordaçada,
 Nos ideais tão soterrados,
 — A presença de Ibrahim!
 Nos caminhos destruídos,
 Na paixão que não se encontra.
 No verbo que se liberta,
 Na terra que pede alma,
 Nas almas que estão por terra.
 Na sementeira do sonho,
 Na verdade adormecida,
 — A presença de Ibrahim!
 Na nostalgia dos velhos,
 Na espera da juventude.
 Nas raízes de uma raça,
 Nos descaminhos do mundo,
 No sagrado que inda espera,
 Nos arquétipos perdidos,
 Nas tribunas sem tribuno,
 Na causa santificada,
 — A presença de Ibrahim!
 Na terra crucificada,
 Na bandeira bandeirante,
 Na gente que não se curva,
 Nas epopéias de antanho,
 Na saga do dia a dia,
 Na arrancada do futuro,
 A voz de São Paulo clama,
 A voz da História conclama!
 — Paulistas de pé, enfim.
 Vivos e mortos unidos
 Sob o lema de Ibrahim
 Sob a chama de Ibrahim
 Sob a bênção de Ibrahim!

Escritor e poeta, Ibrahim Nobre defendeu sempre a ordem e a justiça. Começou sua carreira como delegado de polícia no Interior, mas foi no Tribunal, como promotor público, que ele se engajou na batalha política, de liberdade de ação, que o levou à Revolução Constitucionalista de 32. Em 1970 quando morreu, o acadêmico Durval Accioli disse que a revolução teve quatro nomes: "A voz de Ibrahim, a espada do general Euclides Figueiredo, a poesia de Guilherme de Almeida

e o preparo do doutor Júlio de Mesquita Filho".

Paulo Bomfim relembra o velho amigo como um homem alegre, cheio de entusiasmo e amor pela cidade. Compara Ibrahim Nobre a um "jequitibatá, que tombou verticalmente, legando ao futuro uma clareira que jamais será preenchida". E Bomfim confessa: "Cada vez que olho para uma bandeira paulista, ouço a voz de Ibrahim dizendo 'minha terra, minha pobre terra' ". É ele quem resgata outros versos do poeta nascido em 19 de fevereiro de 1888"

"Foi na década de 50", diz Bomfim. "Ibrahim levou alguns conhecidos até o topo do edifício do Banco do Estado para mostrar-lhes a cidade e, lá, declamou: "Clamai silêncios que no peito enjaulo, ante a paisagem que daqui se avista; o chão, quem sabe, pode ser S. Paulo, porém, o homem já não é paulista". Ibrahim nunca se preocupou em deixar uma obra escrita e o que permaneceu de sua produção literária são fragmentos de textos em jornais. Para os constitucionalistas de 32, no entanto, sua poesia está no povo e em todos os heróis da revolução.

DUAS ALMAS

Ibrahim Nobre nasceu na rua Direita, então estritamente residencial, e foi batizado na Catedral da Sé. Passou a infância na Colina da Glória, de terrenos quase suburbanos, navegando em canoa no Tamanduateí. Estudou no Ginásio Episcopal e no Ginásio do Estado, formando-se bacharel em Direito em 1909. Foi delegado de polícia em Salesópolis e Casa Branca, delegado regional em Santos. Lá, sua mulher, dona Frisa, acostumou-se a receber, quase hóspedes, Martins Fontes, Laio Martins, Assunção Filho, Armando Pamplona, Menotti Del Picchia.

Del Picchia recordou este momento em julho de 1960, quando discursou na posse de Ibrahim Nobre na Academia Paulista de Letras — ocupou a Cadeira n.º 21 na vaga de Plínio Barreto. Menotti: "Ibrahim Nobre sempre foi um estranho binômio. Tem duas almas. Uma, a funcional, plasmada num hirto senso do dever, paramentada por uma fidalga cerimônia aparentemente sofisticada, misto de Wilde e de Brumell. (...) Transposta, porém, a barreira da sua personalidade formal, surge o

verdadeiro Ibrahim, simples, amigo, solidário até o sacrifício, poeta romântico, palestrador incomparável".

Depois de rodar por várias cidades do Interior, Ibrahim dedicou-se na Capital à promotoria e à luta pela liberdade. Em 1931, quando combatia o auge da ditadura de Getúlio Vargas, conseguiu a publicação de seu discurso "Minha terra, minha pobre terra", que lhe valeu um mandado de prisão. Em 32, durante os três meses de revolução, foi exilado para Portugal, de onde conseguiu fugir, num navio cargueiro, para o Uruguai. Fracassada a revolução, voltou ao Brasil e, ao desembarcar em Santos, disse aos jornalistas:

"Vim como tui. O companheiro de 23 de maio e de 9 de julho não mudou. É o mesmo. Absolutamente. A mesma alma, as mesmas idéias, a mesma religião, a mesma causa, a mesma convicção reafirmada à nossa terra, na mesma palavra de intransigência e fé". Austero Ibrahim jamais aceitou participar do governo. Insistentemente convidado, tinha sempre pronta a mesma resposta: "O lado de fora sempre se tem melhor perspectiva das coisas que acontecem".

Uma passagem de sua vida ficou famosa. Foi na manhã de 4 de novembro de 1917, quando paulistas revoltados contra a Alemanha saíram às ruas de Santos, querendo atacar os jornais. Um popular morreu e o clima era de pânico até surgir Ibrahim Nobre e dcminar a multidão. "Vou retirar as tropas da rua", disse. "Estou sozinho. Apelo para o patriotismo de todos. Confie em vocês". O povo dispersou-se e o então delegado regional pôde respirar aliviado.

Paulo Bomfim conta mais, lembrando a atuação de Ibrahim, quando este salvou a vida de Osvaldo Aranha, seu inimigo político. Aranha estava hospedado em São Paulo, na casa do senador Freitas Vale, em Vila Kirial, e uma multidão rumou para lá, disposta a atacar a vila. Ibrahim Nobre colocou-se à frente de todo mundo sacou o revólver e ameaçou: "Se vocês mancharem suas mãos num gesto de covardia, eu me mato de vergonha". As pessoas recuaram, em silêncio. Bomfim define: "Era um homem generoso, forte, idealista". As últimas palavras que escreveu são as seguintes: "Minha alma está serena". E as últimas que pronunciou: "Paz, paz, paz".